

O uso de técnicas teatrais para o ensino de língua inglesa: proposta de aplicação no ensino médio, técnico e tecnológico

The use of theatre techniques for English teaching: ideas for application in high school, technical and technological courses

Jorge Tenório Fernando  <https://orcid.org/0000-0001-6923-8859>
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
e-mail – jorge.fernando@etec.sp.gov.br

Resumo

Este estudo tem como objetivo discutir o uso de técnicas de teatro como ferramenta para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem das disciplinas de comunicação profissional, em especial da língua inglesa, em cursos do ensino médio, técnico e tecnológico. Como percurso metodológico, primeiramente realiza-se pesquisa para construir um arcabouço teórico, identificando-se também estudos empíricos que lhe deem suporte, tomando como ponto partida a abordagem conceitual do teatro do oprimido e os jogos relacionados, bem como as técnicas para uso do teatro em educação. Como resultado, é apresentada proposta de aplicação que contempla algumas das técnicas de uso do corpo e da voz como meios de expressão, adaptadas pelos professores para emprego em sala de aula, as quais deverão contribuir de forma ampla para o desempenho e a formação dos estudantes, visto que podem não apenas melhorar habilidades comunicativas, mas também impactar positivamente sua dimensão afetiva.

Palavras-chave: Comunicação e movimento. Processo de aprendizagem. Comportamento emocional. Ensino de Línguas.

Abstract

This study aims to discuss the use of theatre techniques as a tool to assist in the teaching and learning process of professional communication disciplines, particularly English, in high school, technical and technological courses. As a methodological path, research is carried out to build a theoretical framework and to identify supporting empirical studies, taking as a starting point the theatre of the oppressed approach and related games, as well as theatre activities for use in education. As a result, an application proposal is presented that comprises some of these techniques of using the students body and voice as a means of expression, adapted by teachers for use in the classroom, which should contribute in a broad way to students' learning performance and overall education, thereby not only improving their communicative skills, but also impacting positively their affective dimension.

Keywords: Nonverbal communication. Learning processes. Emotional experience. Language acquisition.



Introdução

O presente estudo tem por objetivo discutir o emprego de técnicas de teatro para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Tal enfoque resulta de vivência no curso de capacitação “Teatro e jogo contra a apatia”, ministrado no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. O curso tinha como proposta a utilização da representação teatral como forma de expressão de conhecimentos e experiências, em uma perspectiva interdisciplinar que pudesse conferir maior dinâmica às aulas do ensino médio, técnico e superior tecnológico. Concebido para professores, reuniu 40 participantes de distintas disciplinas, tais como artes, língua, literatura e comunicação, história e educação física, dentre outras. O curso completo teve a duração de 40 horas – 12 presenciais, e 28 a distância.

Esse trabalho cumpre duplo papel: em primeiro lugar, demonstrar o entendimento dos jogos teatrais, baseados em Augusto Boal (1993) e Viola Spolin (2017), para sua incorporação com êxito em sala de aula; em seguida, aprofundar esse entendimento por meio de conceitos teóricos sobre o teatro na educação, bem como pela discussão de exemplos práticos bem-sucedidos de sua aplicação. Na sequência, elencar algumas atividades que poderiam ser desenvolvidas como contribuição metodológica para as aulas de língua inglesa.

O estudo se divide em quatro partes: a primeira parte, que se segue a essa introdução, contemplará alguns pressupostos teóricos do jogo teatral como meio de expressão, seguidos por conceitos extraídos da referida oficina de capacitação. A segunda parte consistirá em pesquisa bibliográfica de estudos sobre o uso do teatro para o ensino de línguas, versando sobre suas vantagens e benefícios, bem como dificuldades para implementação. A terceira parte apresentará uma proposta de aplicação das técnicas teatrais para ensino de inglês em unidades da Escola Técnica Estadual (ETEC) e da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC), na cidade de São Paulo. Por fim, a última parte contemplará as considerações finais.

Pressupostos teóricos

Na sua concepção da educação como diálogo e exercício da liberdade, Freire (2019) destaca a importância da palavra como práxis, contemplando duas dimensões: a da ação e da reflexão, que devem se realizar em conjunto para levar à autonomia libertadora. Para esse autor, se a palavra for desprovida de ação, “se transforma em palavreria, verbalismo, blá-blá-blá”; se, por outro lado, se promove apenas a ação sem contrapartida da reflexão, “a palavra se converte em **ativismo**”, isto é sem efeito transformador autêntico ou duradouro na consciência das pessoas. (FREIRE, 2019, p.107-108, grifo do autor)

Tomando esse conceito como mote, tem-se na prática do jogo teatral, assim como no ensino de uma língua, na sala de aula, espaços onde a palavra e o texto se destacam em ambas as dimensões. No caso de um idioma estrangeiro, supondo que o estudante desconheça completamente a língua e, portanto, esteja impedido de lançar mão de algum conhecimento prévio de seu mundo para auxiliá-lo diretamente no processo de aprendizagem – que é a proposta de Freire (2019) – o exercício dos jogos teatrais de Boal (1993), como ponto de partida, podem levar a uma prática de “falar com o corpo”



de forma a gerar as distensões necessárias à posterior fala e comunicação na língua estrangeira.

Ao conceituar o *homo ludens*, Huizinga (2007) destaca a dimensão irracional do jogo, o fato de ser praticado não apenas pelo homem, mas também por outros animais, e sua atração quase irresistível. Esse autor, ademais, chama a atenção para as possibilidades da linguagem como jogo, com destaque para a metáfora como exemplo de “jogo de palavras”. (HUIZINGA, 2007)

Flusser (1998) evidencia o duplo significado atribuído em português aos verbos *play*, *spielen* e *jouer*: brincar ou jogar. Chama atenção para o fato de que, no Brasil, “joga-se futebol, mas brinca-se o carnaval”, ressaltando a acepção de brincar na expressão “o brasileiro trabalha brincando e brinca trabalhando”, em que brincar traz o sentido não apenas de fazer graça, mas de agir com facilidade. Tal significado carregaria a ideia de tentar mudar o jogo, alterar suas regras e introduzir ou eliminar elementos, implicando um “desprendimento alegre, espontâneo e quase sacro”. Portanto, segundo esse autor, enquanto *homo ludens*, o brasileiro se colocaria acima dos problemas, sem mergulhar neles como homem histórico e sem absorvê-los com gravidade, mas mantendo um distanciamento. E conclui: “quem, pois, resolve problemas brincando e brinca com problemas, tem futuro, possui futuro, não é possuído, não é possesso por ele” (FLUSSER, 1998, p. 171).

Tal perspectiva é reforçada por Ryngaert (2009) quando esse autor evidencia o caráter do jogo enquanto representação na qual os participantes, ainda que entrem nele de maneira “séria”, sabem tratar-se de uma simulação que permite interrupção, o que, de certa forma, faz com que baixem a guarda, visto que existe um certo controle que não os faz sentir-se em risco. Aplicadas, portanto, ao contexto educacional no ensino de línguas, as técnicas teatrais fariam os estudantes “entrarem no jogo” para falar e, com isso, aprender “brincando”.

Por fim, uma das técnicas mais comuns ao jogo teatral, a improvisação, é reiterada por Littlewood (2010) como maneira eficiente de estimular a confiança no uso da língua estrangeira, permitindo ao aluno explorar seu repertório comunicativo como melhor lhe aprouver e incentivando a que dê vazão à sua própria imaginação e individualidade. Em outras palavras, a técnica ajuda o aluno a relacionar a nova língua à sua personalidade, aumentando seu senso de segurança emocional quando tem de usar um meio de expressão sobre o qual não têm domínio completo.

Oficina de jogos teatrais

Marco inicial desse trabalho, a capacitação com foco nos jogos teatrais foi realizada por meio de exercícios individuais e em grupo que propunham aos participantes usar partes do corpo normalmente pouco exploradas para comunicar-se com os demais. Para Mantovaninni (2019a, p. 3), “os jogos escolhidos fazem parte de um início de trabalho para estimular um corpo presente e, a partir disso, alcançar outros ‘corpos’ que estejam disponíveis ao trabalho cênico”. Essa é justamente a proposta de Boal (1993, p. 9), “oferecer exercícios e jogos que ajudem o não-ator a desentortar o corpo alienado, mecanizado, ritualizado pelas tarefas quotidianas da sociedade capitalista”.

Essa abordagem vai ao encontro do objetivo de se realizar um trabalho semelhante no ambiente de sala de aula, o que impõe, como desafio adicional, o fato de se tratar de cursos tecnológicos, de perfil mais aplicado, e com disciplinas práticas, ligadas a negócios. Nesse contexto, o inglês se revelou um caminho interessante, ainda que



tenham disso identificadas outras disciplinas que, por suas características, poderiam ter aderência com os jogos, sobretudo aquelas ligadas à área de Recursos Humanos, na qual as dinâmicas de grupo são relativamente comuns.

Tem-se como premissa, ademais, que a atitude de desânimo ou apatia, por vezes identificada nos alunos, pode ser transformada com atividades usando técnicas teatrais. A configuração tradicional da sala não favorece, entretanto, a ruptura proposta por Boal: alunos sentados, enfileirados como um pelotão militar, tendo à sua frente as costas do colega e o professor como o superior hierárquico. Realizar exercícios que impliquem a movimentação e a interação dos alunos possivelmente ajudaria a quebrar esse modelo passivo de escola em que o professor, tido como detentor supremo do saber, repassa-o unilateralmente aos alunos, meros receptáculos de migalhas do conhecimento. Para Mantovaninni (2019b, p. 6), “os jogos de Boal não são a ‘solução’ para uma atitude como apatia, por exemplo, mas podemos encontrar nestas atividades uma proposta de protagonismo e vivência únicas, que só o teatro é possível de proporcionar ao jovem”.

Dito de outra forma, o intuito seria o de movimentar o corpo para buscar aprender e ensinar com todas as suas partes, não somente com a cabeça – com isso, a assimilação pelos alunos pode ser mais marcante, mais genuína e mais verdadeira, porque mais significativa. Entende-se que esses jogos contribuam para repelir a monotonia do ambiente escolar, despertando o interesse dos alunos ao estimular neles um papel de protagonismo, de sujeito e não de objeto de conhecimento. O simples estímulo dos corpos, promovendo a mudança da posição tradicional, permitiria a exposição e apropriação de saberes individuais e coletivos emanando dos próprios alunos, e não exclusivamente do professor.

Estudos sobre o uso do teatro em sala de aula

Nesta seção serão apresentados alguns estudos sobre a aplicação de ferramentas do teatro em sala de aula, elencando seus objetivos, características, pressupostos, vantagens e benefícios, assim como suas dificuldades de implementação.

Lizasoain *et al.* (2011) defendem o uso do teatro no ensino de línguas com a proposição de que os alunos “atuem” na linguagem, transformando a língua estrangeira em ação e conhecimento a partir do qual possam interagir e se comunicar de forma real com seus colegas e professores. Para esses autores, a lógica subjacente ao emprego do teatro como estratégia na escola é de que:

- a) permite ensinar todo tipo de conteúdo;
- b) promove uma melhor compreensão das pessoas e seus contextos;
- c) desenvolve as habilidades de representação, organização e expressão de ideias e sentimentos;
- d) ajuda no uso do corpo como meio de expressão; por fim,
- e) é um espaço para se trabalhar com o outro nos níveis simbólico e real.

Como resultado, os estudantes teriam uma elevação da autoestima, motivação e confiança e uma redução nos níveis de ansiedade, inibição e frustração; do ponto de vista da aprendizagem do idioma, todas as competências linguísticas seriam abordadas simultaneamente; e conhecimento, assim como habilidades, trasladados a situações reais de comunicação. (LIZASOAIN *et al.*, 2011)



Badie (2014) identifica pontos em comum entre a atividade de um ator e de um estudante de língua estrangeira. Para esse autor, o ator se prepara ensaiando para um papel, interage com outras pessoas e dá vida a um personagem para apresentar a uma plateia; de modo semelhante, o estudante de um segundo idioma prepara-se para as avaliações, aprende com seus colegas, assume novas identidades em sala e busca se comunicar com as pessoas no idioma estrangeiro. Sendo assim, o uso do teatro poderia auxiliar não somente no desenvolvimento da arte e da técnica de se falar outra língua, mas também ajudar os estudantes a enxergar a vida de maneira mais profunda. Isso seria possível por meio de estímulos que tragam tópicos que sejam de seu real interesse e que, ao serem discutidos, ganhem relevância e significado em suas vidas. Ademais, Badie (2014) ressalta que quando os alunos têm a possibilidade de falar com liberdade, sem nenhum temor de que suas ideias sejam reprimidas, trabalham de forma colaborativa e podem ter ideias criativas a partir dos temas que eles mesmo escolherem.

Boudreault (2010) destaca a possibilidade de transformação do ambiente artificial da sala de aula por meio das técnicas teatrais, as quais, com seu caráter de improvisação, proporcionam aos estudantes oportunidades de se comunicarem em situações mais autênticas, dinâmicas e quase reais, tendo em vista que a linguagem usada dentro de um contexto de atuação ganha vivacidade e sentido mais profundo. O professor tem papel menos dominante, funcionando mais como um facilitador do processo. Nesse ambiente, os alunos se tornam mais ativos, assumindo maior responsabilidade por sua própria aprendizagem, de forma que cada aluno pode, potencialmente, assumir o papel de professor em alguma situação. Ademais, o uso do teatro possibilita descarregar emoções de maneira saudável, reduzindo a tensão normalmente associada às dificuldades com a língua estrangeira. O autor ressalta os benefícios dos jogos teatrais:

Os alunos percebem a importância do espaço, tempo, atenção, informações e ideias compartilhadas. Os jogos provocam espontaneidade e minimizam a autoconsciência que às vezes inibe a aprendizagem e ainda ajudam a promover a concentração e a confiança na sala. (BOUDREAUULT, 2010, p. 3)

Gualdrón e Castillo (2018) enumeram as principais competências que podem ser desenvolvidas por meio do teatro no processo de aquisição de uma língua estrangeira, as quais sintetizamos no Quadro 1:

Quadro 1 – Ensino de língua estrangeira com técnicas teatrais: competências e atividades relacionadas

Competências	Atividades
<p style="text-align: center;">Fala</p> <ul style="list-style-type: none"> • interação autêntica • construção de falas • fluência ao conversar • pronúncia • alcance dos objetivos de comunicação • expressividade • risco assumido de falar • vocalização • musicalidade, entonação • sotaque 	<ul style="list-style-type: none"> • exercícios de conversação ou improvisação em grupo • apoio de pessoas especializadas em idiomas • ensaios • apresentações • monólogos • repetição do <i>script</i> várias vezes • discussões em grupo • audições ou seleção de “atores” • adaptação e gravação do <i>script</i> • criação de esquetes e apresentação aos colegas de classe • exercícios de pronúncia • grupo fala todo o texto ao mesmo tempo • leitura em voz alta • exercícios vocais



	<ul style="list-style-type: none"> • jogos de <i>clown</i>
<p>Escrita</p> <p>pensar no impacto da escrita sobre a plateia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • escrever seu próprio texto • selecionar um texto e adaptá-lo ao teatro • fazer revisões e correções de <i>scripts</i> • escrever um diário, um <i>script</i> para uma plateia • elaborar os folhetos de publicidade e divulgação da peça • escrever sobre uma lembrança engraçada da infância • escrever sobre as personagens
<p>Compreensão auditiva</p> <ul style="list-style-type: none"> • entendimento das falas • discriminação de sons e fonemas 	<ul style="list-style-type: none"> • exercícios dirigidos em inglês • interação com outros personagens da peça • ensaios em geral • executar instruções em inglês • ouvir ativamente outras pessoas dizerem seu texto • sessões dirigidas em inglês • exercícios de improvisação em grupo • seleção de “atores”, apresentações • necessidade de atuar promove o esforço para ouvir e compreender • prestar atenção nos outros, ouvir seus colegas de classe • exercícios orais de repetição
<p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • contexto de leitura • compreensão do vocabulário 	<ul style="list-style-type: none"> • leitura de peças, obras literárias e materiais bibliográficos • estudo e compreensão profunda de roteiros • exercícios de improvisação de vocabulário • tarefas nas quais se use o vocabulário • exercícios de conversação e improvisação em grupo • é preciso entender as palavras que se ouve, para que façam sentido • preparação de <i>scripts</i> de contextos desconhecidos, em grupo • esclarecimentos sobre as situações e o contexto • estudar o registro do idioma na peça • jogos para conectar sinônimos e antônimos • ensaios • atividades nas oficinas • busca do significado das palavras no dicionário • observar a escrita dos roteiros
<p>Dimensão afetiva</p> <ul style="list-style-type: none"> • ganho de confiança ao usar o idioma 	<ul style="list-style-type: none"> • ter de se expor na frente da plateia • ensaios e prática de roteiro • exercícios de improvisação • falar em público • ensaios e correções • exercícios de espaço e papéis • exercícios de teatro para trabalhar as expressões dos participantes • exercícios de interação e integração • montagem de uma peça • falar um discurso de frente para o público • exercícios de conversação • exercícios de teatro para trabalhar agilidade e expressão corporal • exercícios para conhecer melhor seus colegas de classe
<p>Dimensão Cognitiva</p> <ul style="list-style-type: none"> • pensamento e expressão no idioma • exercício de múltiplas inteligências e estilos de aprendizagem • treinamento da atenção • treinamento da memória • estratégias metacognitivas 	<ul style="list-style-type: none"> • lembrando o script com expressões corporais • exercícios de espaço e movimento • exercícios de concentração

Fonte: Adaptado de Gualdrón e Castillo (2018)



Para as autoras, com algumas dessas atividades, o teatro pode efetivamente se converter em um excelente mecanismo para o desenvolvimento de competências linguísticas por meio da simulação de situações muito próximas à realidade, desde que superadas algumas barreiras e desafios inerentes ao processo. São elas:

- a. encarar a plateia sem timidez, com alguma desenvoltura;
- b. atuar e falar no idioma estrangeiro ao mesmo tempo;
- c. apreender os textos e decorá-los;
- d. desenvolver uma personagem usando adequadamente os recursos corporais;
- e. atuar expressando-se em uma língua que não domina completamente;
- f. improvisar em inglês;
- g. vencer dificuldades relacionadas à pronúncia;
- h. conseguir adaptar o conteúdo das histórias para entendimento da plateia;
- i. sair de sua zona de conforto. (GUALDRÓN; CASTILLO, 2018)

Além dos benefícios da abordagem teatral para o desenvolvimento linguístico, vale ressaltar também a influência positiva da dimensão emocional no processo, relevante como elemento desencadeador ou inibidor da ação dos estudantes. Conforme assevera Magalhães Neto (2019), cognição e emoção devem caminhar juntas no processo de ensino e aprendizagem, visão corroborada pelos estudos ora apresentados. Essa abordagem difere do conceito de competência defendido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para a qual

competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BNCC, 2018, p.8)

Magalhães Neto (2019) critica a concepção recorrente das competências como engendrando um caráter puramente instrumental da educação, cada vez mais restrita à execução de tarefas práticas para o mundo do trabalho, ficando o ensino de conceitos universais e o conhecimento para formação humana plena relegados a um papel secundário. Para o autor, “a razão de ser da escola culminou a ser a produtividade, a rentabilidade e a competição econômica global. Logo, imprimiu-se uma redução atemorizante da experiência escolar” (MAGALHÃES NETO, 2019, p.93). Como educador, coincido com seu ponto de vista, reiterando que o uso de elementos como os aportados pelo teatro nas aulas de idioma pode ajudar a romper a cadeia, que se pretende perfeita, dos saberes funcionais e puramente aplicados.

Uma dificuldade adicional para o uso bem-sucedido desse trabalho foi assinalada por Lizasoain *et al.* (2011). Essas autoras apontam as necessidades de capacitação dos professores para que dominem minimamente as técnicas teatrais; de adaptação dos materiais existentes e de um trabalho realizado em equipe. Desafio maior, segundo elas, é o de conseguir os recursos necessários para implementar a metodologia, especialistas para formar professores, material adaptado e tempo adicional para os docentes receberem capacitação e ajustarem seus programas para o uso dessas práticas. (LIZASOAIN *et al.*, 2011, p.132)

Uma possível solução para esse problema foi apontada por Ch'ng (2015). Essa autora sugere um trabalho gradual que tenha início com a leitura de textos autênticos em inglês para posterior dramatização. A essa abordagem, dá nome de teatro de leitores, ou RT (*readers' theatre*). A pesquisadora advoga que a dramatização verbal de textos escritos possibilita conectar o entendimento da leitura com a aquisição de vocabulário,



melhorando a fluência, precisão, automatismo e prosódia da leitura, o que leva a uma compreensão mais profunda do conteúdo, o qual, por meio da representação, torna-se mais contextualizado, sendo, portanto, assimilado com maior naturalidade. Considerando que o passo fundamental para o domínio da linguagem teria como ponto de partida a aprendizagem do vocabulário, ela identifica a leitura como uma fonte valiosa para adquirir vocabulário de maneira contextualizada, sendo um excelente suporte sobretudo para estudantes que têm menos confiança e menor proficiência em inglês. (CH'NG, 2015). Essa visão é partilhada por Lisasoian *et al.* (2011), quando essas autoras ressaltam:

Percebemos que a leitura de uma obra permite colocar em prática todas as habilidades linguísticas - leitura, escrita, escuta e fala - ao mesmo tempo. Especificamente, a leitura em voz alta permite a conexão entre grafemas e fonemas, o que, por sua vez, melhora a pronúncia e a escrita de palavras; aumenta a velocidade de leitura, melhorando o reconhecimento das palavras; permite a aquisição de vocabulário, porque as palavras estão em contexto e, além disso, a palavra - no teatro - passa diretamente do texto para a ação; funciona como uma prática prévia à produção oral espontânea, aliviando no aluno a tensão de ter que expressar diretamente. (LIZASOAIN *et al.*, 2011, p.131)

Foram apresentados alguns caminhos para uso das técnicas teatrais no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Nota-se que a maioria dessas abordagens ocorreram em projetos de longo prazo e as dificuldades encontradas para implementação se assemelham. De toda forma, a incorporação gradual dessas ferramentas demonstra produzir efeitos que vão além do aprendizado de palavras e frases pelos alunos. É o que será discutido na seção que se segue.

Propostas de uso de técnicas teatrais ao ensino de inglês nas escolas de ensino técnico e tecnológico

Nesta seção, discutiremos algumas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula usando técnicas e jogos teatrais. As propostas apresentadas são ideias adaptadas de outros trabalhos e não seguem uma ordem sequencial ou de importância, cabendo ao professor definir o que melhor atende aos objetivos de ensino e aprendizagem estabelecidos.

Atividade 1: estimulando a fala em público

Para estimular a fala em público, Badie (2014) sugere a criação de um vídeo similar ao feito para a audição de um ator. Segundo ele, de forma análoga ao ator, o aluno deverá se preparar, conhecer de antemão o tópico que irá abordar e assegurar-se de que fala com clareza, de forma convincente. Uma proposta adicional, a partir dessa ideia, seria de que o aluno pesquisasse sobre alguém que admira, um líder, conhecesse sua estória e contasse um episódio marcante dessa pessoa em vídeo, em inglês, como se ele fosse essa personagem. Uma alternativa mais conectada com o mundo profissional é o que chamamos “o emprego dos sonhos”: os alunos poderiam gravar um vídeo apresentando-se para uma vaga de trabalho, técnica já utilizada por muitas empresas para selecionar candidatos. Cada estudante poderia preparar um roteiro com o que irá dizer: quem é, sua idade, onde mora, o que estuda, seus



objetivos pessoais e profissionais, seus pontos fortes e em desenvolvimento, e por que se considera um bom candidato para a posição. Esse trabalho poderia ser realizado em duplas, um colega dirigindo o outro. Essa ideia pode ser trabalhada em vídeo, porém gravado na própria escola. Dessa forma, o aluno pode rever seu desempenho e avaliar o que saiu bem e o que pode ser aprimorado.

Atividade 2: promovendo a coesão do grupo

Badie (2014) oferece dois exercícios para ajudar a construir a coesão do grupo, de forma que seus membros trabalhem juntos para atingir um objetivo comum. Um deles funciona mais como uma espécie de aquecimento, o outro requer um trabalho em duplas. O primeiro, que ele chama *zip-zap-zop*, consiste em reunir alunos em círculo e emitir uma dessas três palavras a um integrante, sinalizando com uma palma direcionada ao colega, que então manda a outro, e assim por diante. O autor aconselha a fala em ritmos diferentes, mais lento, mais rápido, mais alto, mais baixo, sempre usando a voz e o corpo para tal.

O segundo exercício, que Badie (2014) chama de *twin expert show*, se desenvolve em duplas. É escolhida uma área de *expertise* para discutirem, a plateia faz perguntas e cada membro da dupla deve responder, um de cada vez. É possível uma variação desse jogo, algo comum em programas de auditório: a sala é dividida em duas e cada lado escolhe sua dupla. São definidos temas comuns e o grupo de um lado elabora cinco perguntas que devem ser feitas ao grupo do outro lado e escreve as respostas. Perguntado, apenas um membro da dupla adversária responde, também escrevendo no papel. Ainda que seja um jogo pertinente, não usa técnicas teatrais, no entanto, é válido como aquecimento. Poderia ser mais teatral e interativo se a dupla tivesse de “representar a resposta” e a plateia adivinhar do que se trata.

Atividade 3: dando voz e protagonismo aos alunos

A terceira sugestão de Badie (2014), *every idea is a great idea* (toda ideia é uma grande ideia), parece bem adequada para o contexto institucional do ensino técnico e tecnológico. Divididos em grupos, os alunos devem imaginar e criar um produto novo, e elaborar a publicidade para “vendê-lo” no mercado. Cada grupo deve pensar em um produto, nome, embalagem, um *slogan* e um relações públicas para falar “aos clientes”. Segundo o autor, como um elemento do teatro de improviso, em todas as comunicações com a plateia não deveria ser permitido o uso da palavra “não”. Adicionalmente, poderiam elaborar uma peça publicitária, cada grupo ficaria com um meio de comunicação (rádio, tv, revista eletrônica, shows, redes sociais) e apresentá-la à plateia, ao vivo.

Atividade 4: representando uma cena baseada em imagem

Pinheiro (2014) relata um jogo que denominou *tableau vivant* (quadro vivo), bastante recorrente em jogos teatrais. No exercício, os grupos escolhem uma pintura conhecida e devem representá-la, cabendo à plateia adivinhar a qual obra corresponde. Esse jogo se assemelha ao quadro de cena descrito por Spolin (2017). Para as aulas de inglês, uma das possibilidades de uso seria para o ensino de distintas profissões. Uma



variação possível seria alguém contar o seu dia, sem fala, apenas usando o corpo, cabendo à plateia definir o que a pessoa fez: acordar, fazer xixi, tomar água, escovar os dentes, vestir a roupa, tomar café, tomar o elevador, abrir a garagem, tomar o ônibus etc. A plateia pode dispor de um grande *check-list* (lista de verificação) em mãos para apontar o que o colega fez. Ao final, é feita, em conjunto, a verificação do que identificaram, repassando, assim, o vocabulário empregado.

Atividade 5: conhecendo o outro e sendo conhecido

Pinheiro (2014) indica um exercício oportuno para quebrar o gelo e ao mesmo tempo fazer os alunos falarem de si no idioma estrangeiro – no seu caso, a língua italiana – sem se sentirem demasiadamente expostos, amparando-se no jogo *caminhada no espaço*, de Spolin (2017), conforme descrito no Quadro 2, aqui adaptado para a língua inglesa:

Quadro 2 - Atividade: *the people and myself* (as pessoas e eu)

FOCO	<ul style="list-style-type: none"> • Verbos <i>be</i>, <i>have</i> e <i>like</i>; números; • Escolha livre entre objetos, pessoas, animais, <i>hobbies</i>; • Fornecer informações, gostos e preferências pessoais;
DESCRIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Caminhar livremente pela sala; • Completar três frases com suas informações e gostos pessoais: <i>I am...</i> (nome, idade), <i>I have...</i> (irmãos. pets), <i>I like...</i> (<i>hobby</i>, objeto); • Enquanto caminha, ouvir as informações dos colegas; • Por fim, reunir-se em círculo e apresentar um dos colegas de quem apreendeu as informações.
INSTRUÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • Não parem de falar para ouvir a informação dos colegas; • Lembrem-se: devem escutar e serem escutados; • Mudança de ritmo: caminhem e falem como um idoso; caminhem com ritmos opostos: andando rápido e falando devagar, ou o contrário.
AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • O que foi mais difícil, falar ou ouvir? • O que fizeram para conseguir falar e ouvir ao mesmo tempo? • Alguma palavra foi especialmente difícil de entender? • O que aprenderam de novo com seus colegas? • O que acharam da atividade, em geral? • O que mais?

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2014)

Na primeira aula, sobretudo se é uma turma formada por alunos que não se conhecem (como as turmas do primeiro semestre) há sempre uma rodada de apresentações. Nota-se um certo desconforto dos alunos para falarem de si. Essa atividade será um elemento facilitador, pela movimentação estimulada, pelo menor grau de exposição individual e, do ponto de vista da fixação proporcionada pelo jogo, devido à ampla repetição e apropriação do conteúdo pelos integrantes, que, ao final, saberão mais de si e do outro, em inglês.

Atividade 6: buscando o objetivo no escuro

Uma tarefa bastante recorrente no uso de um idioma é conseguir dar e receber instruções com competência. Para esse objetivo, Angelianawati (2019) recomenda o jogo *blind man*, similar à brincadeira da cabra cega, em que uma pessoa, de olhos vendados, precisa ser guiada pelos colegas até um determinado alvo: para tanto, ela deve receber instruções como *go ahead* (siga em frente), *stop* (pare), *turn on the right*

(vire à direita), *walk five steps* (dê cinco passos) etc. Esse jogo se assemelha com a caminhada do espaço: cego de Spolin (2017). Guarda semelhanças também com a “corrida para o abraço” aplicada na oficina. Em ambos os casos, o “cego” precisa confiar no grupo, apurar seu sentido de audição e se guiar pelas vozes para chegar ao alvo.

Atividade 7: promovendo a aquisição, a ampliação e a fixação de vocabulário

Pinheiro (2014) usou exercício de Spolin (2017) chamado “jogo dos seis nomes” para criar essa atividade, a qual descrevemos no Quadro 3:

Quadro 3 - Atividade: *it starts with...* (começa com...)

FOCO	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar vocabulário na L2 (língua alvo): objetos, pessoas, animais; • Evidenciar não só o repertório lexical, mas também o conhecimento da cultura da L2; • Promover interação e negociação com os colegas.
DESCRIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos se organizam em fileiras ou círculos, sentados ou em pé; • Professor coloca uma música e fica de costas para o grupo; • Durante a execução da música, os alunos passam um objeto de mão em mão, falando uma letra do alfabeto em sequência; • Quando o professor pausar a música, quem ficou com o objeto tem 1min30s para dizer seis palavras que comecem com a letra que parou.
INSTRUÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • Procurem passar o objeto em um ritmo contínuo; • Não joguem o objeto para “livrar-se do problema”; • Não foquem no professor; • Concentrem-se nas letras do alfabeto, evitando tentar adivinhar quando a música irá parar; • Vivenciem o jogo com prazer; • Algumas variações: <ul style="list-style-type: none"> - passe o objeto em câmera lenta ao seu colega; - tente passar com os olhos fechados: qual é a sensação?
AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • O que acharam de aprender vocabulário assim? • Qual foi seu estado de ânimo no jogo? Sentiu adrenalina, medo, nervosismo... O que acham que mais ajudou, ou atrapalhou? • Que estratégias criou para cumprir o objetivo do jogo? Agora que o jogo acabou, faria algo diferente? • Quais palavras novas você aprendeu com os colegas?

Fonte: Adaptado de Pinheiro (2014)

Esse exercício se revela particularmente propício para a aquisição de léxico específico, não apenas vocabulário comum. Por exemplo, poderia ser empregado para levantar termos da área de administração, de informática ou de um dado ramo de negócios, por exemplo, restaurantes. Previamente a essa atividade, a turma, dividida em grupos, poderia fazer um *brainstorming*, anotando todas as palavras que já conhecem. Em seguida, com esse vocabulário ativo, o jogo funcionaria como uma recapitulação/reforço.

Atividade 8: dando e recebendo instruções

Descrita por Cannon (2017), essa prática tem semelhança com o jogo “o escultor e a escultura”, baseado em Spolin (2017). Na proposta, os alunos trabalharam em duplas. Nos pares, um aluno deveria se revezar no papel do escultor e o outro, no de



escultura. O escultor deve dar instruções verbais à estátua para esculpi-la, sem, no entanto, ter qualquer contato físico com ela. Para auxiliar os estudantes sobre como dar instruções físicas, o professor deve escrever algumas frases chave, como *move your head to the right* (mover a cabeça para a direita), *lift up your left foot* (erga o pé esquerdo), *look like you are strong* (faça pose de forte) e alguns verbos como *lift* (erguer), *raise* (levantar), *lower* (abaixar), e *bend* (curvar-se) (CANNON, 2017). Proposta adicional seria a de combinar os dois exercícios: primeiro, com os alunos fisicamente tocando sua escultura; depois, sem o contato físico e talvez com a escultura de olhos fechados, para aguçar o sentido de audição, facilitando, assim, o entendimento das instruções.

Atividade 9: representando uma cena baseada em texto

Pinheiro (2014) propõe o trabalho com um texto, fazendo uso de “dar e tomar: leitura” e “construindo uma estória” de Spolin (2017). Em seu trabalho, usou um texto do famoso educador italiano Gianni Rodari. Aqui, como alternativa, optou-se por uma história conhecida, e por essa razão, mais fácil de ser encenada: a cigarra e a formiga. A sequência do jogo se encontra no quadro 4:

Quadro 4 - Atividade: *The Ants and the Grasshopper (a cigarra e a formiga)*

FOCO	<ul style="list-style-type: none"> • Praticar situações que propiciem o uso de verbos. • Compreender e interagir com a ação proposta pelo texto sem necessidade de tradução literal.
DESCRIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Dar aos alunos o texto e solicitar que, em pares, um leia para o outro, seguindo as instruções. • Caso haja timidez, propor que alguns voluntários leiam para todos os colegas. • Pedir para que os alunos se dividam em grupos. • Solicitar que façam uma leitura atenta a fim de compreender a ação proposta pelo texto. • Estabelecer um tempo para que cada grupo monte a cena proposta pelo texto, tal qual como cada um a entendeu. • Sugerir que os mais tímidos podem fazer os narradores ou mesmo uma possível figuração, mas que não devem deixar de participar.
INSTRUÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> • Não tentar traduzir tudo. • Pedir ajuda para o companheiro. • Ler ao pé do ouvido de seu colega. • Fazer uma leitura diferente. Tentar variações! • Observar quantos personagens podemos ter. • Verificar quem terá fala. • Criar novas situações a partir desta. Recriar! • Como é a cigarra? E as formigas? • Fazer a leitura atenta e observar os adjetivos – eles os ajudarão na construção dos personagens.
AValiação	<ul style="list-style-type: none"> • O que você precisou para realizar bem a cena? • Você viveu alguma situação divertida ou estranha? Conte-nos! • Quais foram suas maiores dificuldades para compreender o texto?

Fonte: autor, adaptado de Pinheiro (2014)

Segue-se, também, o texto escolhido como modelo para a realização do exercício (Figura 1):



Figura 1: A cigarra e a formiga

The Ants & the Grasshopper

One bright day in late autumn a family of Ants were bustling about in the warm sunshine, drying out the grain they had stored up during the summer, when a starving Grasshopper, his fiddle under his arm, came up and humbly begged for a bite to eat.

"What!" cried the Ants in surprise, "haven't you stored anything away for the winter? What in the world were you doing all last summer?"

"I didn't have time to store up any food," whined the Grasshopper; "I was so busy making music that before I knew it the summer was gone."

The Ants shrugged their shoulders in disgust.

"Making music, were you?" they cried. "Very well; now dance!" And they turned their backs on the Grasshopper and went on with their work.



There's a time for work and a time for play.

Fonte: Winter (1919, p.52)

A opção por um texto conhecido foi a de facilitar o entendimento global da história, sem ter de recorrer à tradução. Trazer um texto desconhecido poderia criar uma barreira adicional, direcionando esforços para a compreensão do conteúdo e, com isso, bloqueando a canalização para a forma de se contar a fábula, que é o principal objetivo. No entanto, num segundo momento, os alunos poderiam "brincar" mais e recriar a narrativa usando-a apenas como vetor para montar cenas ressignificadas, que espelhassem mais a realidade do grupo.

Considerações Finais

No âmbito da proposta inicial, este artigo procurou mostrar alguns caminhos possíveis para o uso de técnicas de teatro aplicadas ao ensino de língua estrangeira. Embora os exercícios ilustrem aplicações em aulas de língua inglesa, poderiam ser adaptadas para emprego em aulas de idiomas como o espanhol, o francês e o alemão, dentre outros.

Foram evidenciadas as vantagens e benefícios dessa ferramenta, sendo a principal delas a de retirar o aluno de sua zona segura, porém dando-lhe em troca a possibilidade de que possa falar não apenas com a voz, mas com todo o seu corpo, promovendo um deslocamento do eixo de tensão e uma ampliação do ato de fala e de produção em língua estrangeira, resultando na incorporação mais profunda, mais natural e mais significativa de elementos da cultura relacionada.

Para implementação desses jogos nas aulas, recomenda-se aplicá-los minimamente por dois semestres consecutivos para, então, aferir o alcance e os resultados do trabalho no final do período. Em função da quantidade de grupos abertos à experiência e do tempo e recursos disponíveis, pode-se fazer o trabalho como um experimento, em que apenas algumas turmas recebam essa abordagem, ao passo que outras realizem as atividades tradicionais, o que permitiria uma análise comparativa de seus efeitos. As técnicas do teatro farão deverão fazer uma diferença expressiva no processo de aprendizagem, no interesse e na satisfação dos alunos.

Ficaram patentes algumas dificuldades para implementação desse modelo, sobretudo relacionadas a tempo e recursos. Um trabalho dessa natureza terá efeito apenas se houver um projeto de longo prazo, minimamente um ano e, preferencialmente, durante os três anos na escola, seja no ensino médio, técnico ou tecnológico. Espera-se que colegas professores sejam inspirados a trilhar esse caminho, de forma que possam adicionar com êxito os jogos teatrais como ferramenta adicional ao seu leque de opções para ensino em sala de aula. O exercício da educação jamais deve ser uma aventura tímida.

Referências

ANGELIANAWATI, L. Using drama in EFL classroom. **JET - Journal of English Teaching**, v. 5, n. 2, p. 125-134, 2019.

BADIE, G.T. Using theatre concepts in the TESOL classroom. **CATESOL Journal**, v. 26, n. 1, p. 23-28, 2014.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.

BOUDREAULT, C. The benefits of using drama in the ESL/EFL classroom. **The Internet TESL Journal**, v. 16, n. 1, p. 1-5, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 13 mai.2020.

CANNON, A. When statues come alive: teaching and learning academic vocabulary through drama in schools. **TESOL Quarterly**, v. 51, n. 2, p. 383-407, 2017.

CH'NG, L-C. Promoting incidental vocabulary learning through verbal dramatization of words. **English Review: Journal of English Education**, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2015.

FLUSSER, V. **Fenomenologia do brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.



FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2019.

GUALDRON, E.; CASTILLO, E. Theatre for language teaching and learning: The E Theatre, a holistic methodology. **Profile - Issues in Teachers Professional Development**, v. 20, n. 2, p. 211-227, 2018.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

LITTLEWOOD, William. **Communicative language teaching: an introduction**. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

LIZASOAIN, A. *et al.* Estudio descriptivo y exploratorio de un taller de introducción a las técnicas teatrales para la enseñanza/aprendizaje de una lengua extranjera. **Estudios pedagógicos**, v. 37, n. 2, p. 123-133, 2011.

MAGALHÃES NETO, A.C. **Crítica da educação centrada nas competências socioemocionais**. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

PINHEIRO, A. V. R. **Contribuições dos jogos teatrais para o ensino de língua estrangeira** (italiano). Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2014.

MANTOVANINI, D. C. **Teatro e jogo contra a apatia**. Oficina de prática teatral – Augusto Boal. Apostila. São Paulo, 2019a. Disponível em: http://moodle.cpsctec.cps.sp.gov.br/capacitacaocetec_pbp/course/view.php?id=471 Acesso em: 18 nov.2019.

_____. **Teatro e jogo contra a apatia**. Oficina de prática teatral 05.09.2019 – Viola Spolin. Apostila. São Paulo, 2019b. Disponível em: http://moodle.cpsctec.cps.sp.gov.br/capacitacaocetec_pbp/course/view.php?id=471 Acesso em: 18 nov.2019.

RYNGAERT, J-P. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. São Paulo, Cosac-Naify, 2009.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo, Perspectiva, 2017.

WINTER, M. **The Æsop for children - 1919** (edição eletrônica). Domínio público. The Library of Congress. Disponível em: <http://www.read.gov/aesop/052.html>. Acesso em: 05 mar. 2020.



Recebido: 17/04/20

Aprovado: 09/09/20

Como citar: FERNANDO, J. T. O uso de técnicas teatrais para o ensino de língua estrangeira: proposta de aplicação em cursos do ensino médio, técnico e tecnológico. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC)**, v. 6, e126520, 2020.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

